

‘A ONU não conhece nossas particularidades’

- *A ONU chegou a pedir ao Brasil a revogação da Lei da Anistia. O que achou?*

GREGORI: A ONU não conhece as particularidades do que foi o processo de reconquista da democracia no Brasil. Do ponto de vista dos direitos humanos, a democracia brasileira tem pelo menos três vigas mestras. A primeira é a Lei da Anistia; a segunda, a política de direitos humanos pelo primeiro Plano Nacional dos Direitos Humanos; e, a terceira, é a Comissão da Verdade, pelo significado que tem de que, apesar das diferenças no Brasil, foi possível o consenso.

- *A responsabilização dos que cometeram crimes de tortura não é importante para a consolidação dessa democracia?*

GREGORI: Tudo o que houve, mesmo antes da Comissão da Verdade, como a lei dos Desaparecidos Políticos, fizeram a nossa democracia ser robusta. Não precisou revogar a Lei da Anistia. Na Argentina e no Uruguai, revogaram. Tenho grande admiração pelos argentinos e uruguaios, mas me desculpem: a democracia do Brasil, sem essa revogação, dá de dez a zero.

- *Mas é com a impunidade que as famílias das vítimas mais se ressentem.*

GREGORI: Nenhum desses que constam ter sido torturadores, de ter ofendido mais gritantemente os direitos humanos, voltaram a ser o que eram. Nenhum deles continuou no cargo em que estava. Eu mesmo, como ministro da Justiça, recebi a denúncia de que um diretor da Polícia Federal que tinha nomeado seria torturador, e o demiti em 48 horas.

- *O que falta para que as famílias das vítimas da ditadura sintam mais confiança?*

GREGORI: A Comissão tem poderes de buscar informações, trazer à luz certos fatos que ainda não puderam ser totalmente esclarecidos. Mas ela não tem como missão deixar com que cada pessoa, que tem sua visão particularizada sobre os fatos pelos quais o país passou, fique satisfeita. Isso é um problema complexo, que não será uma medida legislativa que vai resolver. Ela não é uma panaceia.

- *O senhor vê algum risco de os militares se ofenderem?*

GREGORI: As feridas ainda não cicatrizaram totalmente. Chegamos ao ponto marcante de ter a Comissão da Verdade. Agora, ela tem de ser conduzida com prudência. Não dá para pensar que o filho do (deputado Jair) Bolsonaro vá ser da comissão.

- *Qual é o maior desafio da Comissão? O que o ex-presidente Lula lhe falou?*

GREGORI: Ser ou não ser da Comissão é exclusivo da presidente Dilma. Conversamos sobre o significado de se ter chegado à Comissão. Ele falou: “que bom que você chegou a uma coisa que tem a sua impressão digital nessa altura da vida”. ■